

A propósito do novo logotipo da Universidade dos Açores
artº do Professor Doutor António Machado Pires

AINDA A GEOGRAFIA

1,

A situação geográfica dos Açores é condicionante de um destino histórico. Se de todas as regiões se pode dizer que dependem da sua geografia, as ilhas dos Açores estão “prisioneiras” de uma localização no mapa político e económico do mundo.

A primeira realidade é a telúrica, que deve pois ser olhada em primeiro lugar.” Diz-me que clima e que geografia tens, dir-te-ei que futuro podes ter”. Ontem, como hoje, decerto amanhã. Os povoadores lusitanos tiveram em conta as montanhas, as águas, os vulcões, os sismos, as distâncias, a “generosidade” das terras e a “bondade” dos ares... Os vizinhos longínquos, europeus ou americanos, tiveram em consideração a guarida que podiam obter, os percursos e o clima. Tudo com esforço. Nada “low cost”, tudo “high cost”. Para custo da metrópole e principalmente dos próprios ilhéus. A frase célebre de Vitorino Nemésio segundo a qual “a geografia vale outro tanto como a história” é, afinal, uma evidência genérica que toma mais pertinência nos Açores por causa do seu isolamento. *Isolamento* é o que a própria palavra diz; condição de ilha, de *isola*, de onde deriva o termo isolamento. Para lidar com essa condição é preciso ser ilhéu ou ter vivido tempo significativo nos Açores. Não é um preconceito “racista”, que poderia ser expresso por outro conceito político : separatismo. É uma experiência condicionante com a qual lidam mal os a ela alheios, por falta dessa *experiência*.

Deixemos de parte o preconceito político, a açorianidade *versus* continentalidade, a autonomia *versus* centralismo ; fixemo-nos na geografia, na sua ampla abertura semântica para a geologia, a climatologia, a economia, a política da estratégia, etc. Ora os Açores serão sempre “súbditos” do império da geografia, antes de qualquer estratégia política! Há que construir bem as casas, os portos, os aeroportos; há que estar preparado para “frentes”, ventos fortes, chuvas abundantes, humidades elevadas, sismos ou crises sísmicas, viagens abortadas, necessidade de recursos médicos, eficaz protecção civil, recurso mesmo a transportes improvisados. São ilhas e são nove. O conjunto está distante dos continentes e cada ilha está relativamente distante da outra... Rodeia-as um mar irregularmente profundo, com fossas, bancos e fracturas, e que tem lá no fundo riquezas que exigem recursos caros, além de esconder tesouros arqueológicos que pertencem à História, que é a História das ilhas, do país e do mundo, porque andar nos mares pertence à História da humanidade. Ilhas no

meio do Atlântico Norte (outra vez a geografia!), um cabo de mundo entre dois ou mais mundos.

Explorado como tema económico, político ou literário, o Arquipélago é uma fonte inesgotável, que vai desde verificações pertinentes às maiores banalidades. Nenhuma solução politico-económica é panaceia, nenhum messianismo é definitivo, pois que a história destas ilhas bascula entre a história do mundo, a história do país e a natureza das ilhas. Tudo se repercute nas lhas, a sua vulnerabilidade é grande e desafia a arrogância de qualquer política “definitiva”. Sejamos, pois, modestos e prudentes. Olhemos o passado, lição sempre a ter em conta, e o futuro, interrogação sempre permanente. De uma permanência que se agudiza num mundo global em conflitos descontínuos, mas geograficamente determinantes. Os Açores dependem desses conflitos, são base ou entreposto em função dessa evolução. Junta-se-lhe o aleatório do clima em data escolhida para a viagem turística, criando um destino turístico vulnerável num tempo de calendário incerto. Por isso, repita-se, não deve haver certezas absolutas nem soluções definitivas. Algumas porém são mais “definitivas” do que outras : construir com segurança, “vigiar” a Natureza, prover recursos básicos. Uma governação primeiramente... *telúrica!* Depois uma governação que tenha em conta o ser humano na sua condição de saúde. Isto é, uma saúde pública “de qualidade”. A educação está mais ou menos garantida pela continuidade das escolas e instituições, que podem abrir ou fechar quando se quiser. A saúde tem sobressaltos, as epidemias, as calamidades, os acidentes no isolamento ou solidão de ilha, a exigir socorro individual ou colectivo urgente, um helicóptero, um barco, um transporte... E aí entram de novo a geografia e o clima, a eficácia dos recursos humanos. Do telúrico passa-se ao problema do Homem. Porque não ambicionar uma saúde pública “exemplar”, tendo em conta a geografia?

2.

Além do telurismo e da saúde, outro aspecto pode caracterizar uma boa política no Arquipélago. Os habitantes dos Açores podem ter ou têm mesmo boas comunicações : Televisão, Internet, tecnologia global. A tecnologia torna absolutamente verdadeira a cidadania do mundo. Mas o açoriano cidadão virtual do mundo não deve dispensar-se de conhecer o mais possível o mundo, *in praesentia*, a três dimensões, por percurso próprio. Experiência significa vivência (etimologicamente p e r i, à volta de), percurso próprio, domínio dos singulares da vida individual. Se a tecnologia é o domínio dos universais, a experiência é o domínio dos singulares. Assim, por exemplo, a viagem de ninguém substitui a minha . Nada substitui a *minha* experiência, a *minha* aprendizagem. Os açorianos devem beneficiar de Bolsas, devem viajar, ter permanências fora do arquipélago. Nem mesmo basta ter frequentado a Universidade, importante mas nem sempre suficiente. Pensar no progresso dos Açores hoje, mais do que no passado, implica uma escala universal de conhecimentos e valores. Conhecer para prover, aprender para adaptar. Imitar é fácil, adaptar obriga a um esforço inteligente. E a inteligência nem sempre é um dado garantido, mas é possível “alargá-la” com viagens e conhecimentos. Não perder de vista que sobretudo “nasce-se” inteligente, como se nasce poeta ou artista...Um rasgo inteligente faz mais do que o trabalho várias

comissões. Uma intuição “salta” vários degraus, como uma síntese poupa a leitura de várias análises. A “síntese” das Ilhas obriga a pensá-las como um *todo*. Um benefício para uma ilha tem de ser visto e pensado como um benefício para todas. Há que ter a coragem das prioridades, que rejeita a mesquinhez dos bairrismos. E o bairrismo ou a aspiração de hegemonia podem ser, a nível colectivo, aquilo que a inveja é a nível individual. É preciso superar o *esprit de clocher*, o bairrismo, como dizem os franceses, tomando a metáfora do campanário... da igreja de província. Por vezes a economia e a tecnologia apontam para concentrar geograficamente, estrategicamente, certas soluções. Não se pode ter tudo em toda a parte. Os povos ricos não têm, por isso... são ricos. A geografia e o bom senso a decidirem, não apenas o espírito partidário ou o bairrismo. Claro, há sempre, em toda a parte, os que mudam de partido para serem fieis às suas ideias... e os que mudam de ideias para serem fieis ao seu partido. Uma oposição faz-se na retórica do contraditório. Se A tem uma “vitória”, B tem de tentar demonstrar que essa vitória é uma derrota, para oferecer uma oportunidade ao eleitorado de B. Este jogo relativista vai por vezes para além da dialéctica partidária democrática. Tapa realidades evidentes, impede consensos, corroi o reconhecimento do mérito individual, que é sempre necessário, mesmo em democracia. Razão e Justiça não estão só do nosso lado! Como escreveu Eça de Queirós pela pena do inventado Fradique Mendes :

“Nos homens que vagueiam para além do teu muro, tu só verás pecadores : e quando entre eles reconhecesses S. Francisco de Assis distribuindo aos pobres os derradeiros ceitis da Porciúncula, taparias a face para que tanta santidade te não amolecasse e gritarias mais sanhudamente : --“Lá anda aquele malandro a esbanjar com os vadios o dinheiro que roubou!” Não deixemos que democracia se transforme em intolerância...

3.

Foram o 25 de Abril e a Junta Governativa dos Açores que permitiram a exigência local de se criar uma universidade, em vez da simples reposição de uma Escola Normal Superior, que Veiga Simão inaugurara pouco antes. O General Altino de Magalhães, presidente da Junta Governativa, pediu ao Ministro da Educação, Vitor Alves, a criação de estudos superiores universitários. A história já foi contada várias vezes. O Doutor José Enes foi chamado para presidir à Comissão Instaladora do Instituto Universitário dos Açores, criado pelo Decreto 5/76 de 9 de Janeiro(1976). A Universidade era, assim, anterior ao próprio Governo Autónomo, que é de Setembro do mesmo ano. José Enes foi buscar ao *Eclesiastes* a divisa da Universidade—SICUT AURORA SCIENTIA LUCET—“assim como uma aurora, a ciência brilhará”. Isto é, a ciência, agora institucionalizada, pensará a solução para os problemas dos Açores. É o caminho de um pensamento científico nos Açores, pensando especificamente os problemas destas ilhas, sem deixar de ser uma universidade do sistema nacional de ensino superior universitário. Note-se que se trata de ensino superior *universitário*, o que faz diferença em relação a ser só ensino superior, que não teria as obrigações de fazer ciência mas apenas de a transmitir. Muitas tarefas de aplicação de saber não precisariam de uma universidade, mas apenas de institutos ou de escolas politécnicas. Quis-se assim justificar a carreira universitária no Arquipélago, o que era uma mais valia inestimável que se não deve deixar decair em função de meros saberes aplicados, embora indiscutivelmente benéficos para a Região. Havia na divisa da universidade, acima citada, qualquer coisa de messiânico e de vida nova que começa: uma aurora. Um despertar de caminho próprio. Alterar ou abolir essa divisa é

ignorar a metáfora messiânica que impregnou o “nascimento” da Universidade, nas circunstâncias históricas em que tal aconteceu. Com o brilho da luz criadora e não a palidez das coisas rotineiras. Por vezes, a nível do senso comum, tem-se uma ideia rotineira do papel da universidade no assegurar do progresso. Não basta dinheiro para pagar instalações, aulas e projectos; é preciso espírito competitivo e descobridor, que faz a ciência ser ciência, ou ciência *última* (Max Plank). É esse espírito que faz o professor rever as suas aulas e o investigador *reacertar* as suas conclusões.

Os Açores, com os seus interesses científicos pela terra, pela Natureza, pelo mar, também *pelas suas gentes e pelos fenómenos históricos e estéticos a que deram origem. Já não dispensam uma universidade. É inegável que já se deve à Universidade dos Açores um contributo decisivo para o progresso das ilhas e muito especialmente um diálogo de ciência, afirmação universal do Arquipélago. Como costume dizer : uma espécie de “cartão de visita”.* Seja qualquer a “reforma” universitária que se viva ou que esteja em moda, umas mais adequadas do que outras, o tempo o demonstrará, o certo é que o tipo de saber que as universidades cultivam garante o melhor aproveitamento da inteligência e da questionação para o progresso. O princípio *básico* das vantagens da existência de uma universidade é que ela eleva ou deve elevar o nível intelectual do meio. Não é o meio que “faz” a universidade, mas esta que “deve fazer” o meio! Não é demais lembrar que, afinal, uma universidade se faz com *peessoas*. Antigamente, um assistente universitário, princípio de carreira, era recrutado entre os bons ou melhores alunos. Para além das notas – que os concursos devem respeitar – havia ou há um critério “adicional” que se aplicará hoje também aos pretendentes a carreira política, que é o bom senso... Parece, pois, que a quantidade e a “excelência” de conhecimentos não bastam, como não basta a mera inscrição partidária .

Uma visão anglo-saxónica das universidades (e válida para as respectivas sociedades e culturas) tem presidido a novas reformas do ensino superior universitário em Portugal. É inegável e desejável uma relação com a sociedade e com as empresas. Muito se tem dito e escrito a esse respeito. Mas será que é sempre possível e em todas as sociedades com a mesma pertinência? Uma visão mais “tradicional” das universidades mostra o reitor um professor de carreira, um *primus inter pares*, isto é, um colega que passou pelo mesmo que os outros, que lhe reconhecem o estatuto de reitor entre os seus pares. Não era assim tão mau...O reitor é uma figura institucional, deve ser também uma figura “exemplar”, que, quando fala, faz doutrina, quando age demonstra experiência, maturidade e bom senso. Seja qual for o ramo científico de onde provém, nada o impede de conceber estratégias de gestão ou alianças a empresas. A inteligência tem força analógica e é, em boa parte, “convertível”. O que faz um bom reitor não é o ser de ciências ou de letras... é ser um bom reitor! O que faz uma boa universidade é sobretudo ter um conjunto de professores e de investigadores empenhados. Creio que, apesar de todos os seus problemas, não tem faltado à Universidade dos Açores empenho e o futuro deve esperar sempre muito dela.

4.

Tem-se discutido a questão do sucesso/insucesso escolar nos Açores. Como princípio geral, não me parece indiscutível que o aumento da carga horária melhore o ensino. A qualidade dos professores e os equipamentos, isso sim! O abandono escolar contraria-se elevando o

nível cultural, o que leva tempo a produzir efeito. A exemplaridade e capacidade motivadora dos professores são, sempre foram, essenciais. O meio cultural também. Não é o mesmo ouvir em casa uma conversa sobre questões actuais de ciência ou de política, ver certos programas de televisão – ou não ter nada disso! Não é uma questão de “elitismo”. É uma questão de hábitos e de promoção paulatina do nível cultural. É como uma evolução ... darwiniana! Basta comparar os Açores actuais com os Açores anteriores à Televisão e à Universidade. Com as modernas tecnologias é possível melhorar o nível cultural das populações, não esquecendo que o uso da tecnologia não é, só por si, garantia de cultura.

Por outro lado, escolaridade só com base em referências estatísticas, não basta. A educação é uma questão de *modos*, não de *números*. Sou “educado” não porque tenho um diploma, mas porque tenho um certo tipo de curiosidades, reparo numa obra de arte, leio um livro sem obrigação, acredito com entusiasmo no valor da ciência. Sou “educado” se, para além de querer ganhar dinheiro, gosto do que faço; sou “educado” se, gostando do que faço, gosto de quem para quem o faço. Sem gostar do que faço e porque o faço, sem querer uma sociedade que nos faça pensar em tudo isto, não vale a pena falar de reformas nem de crise, nem talvez de regiões ou de países. O mundo não pode ser só uma selva civilizada, com supermercados para consumo, escolas para dar diplomas e empregos e polícia para garantir a segurança.

Tem-se falado em fim de ciclo de civilização, uma espécie de “baixo império” onde quase tudo é permitido com a chancela de uma democracia *total*. A irreversível sociedade da informação enriquece o conhecimento, mas não necessariamente a personalidade. A tecnologia ensina métodos universais, o humano é porém o domínio do singular e da experiência. A ciência e a tecnologia têm atingido altos níveis de aperfeiçoamento e um alcance inesperado. Para o bem e para o mal. Cada invento bom gera o correlativo invento mau. A Humanidade parece apostada em ir ao máximo de cada consequimento. *Desde que se consiga, está conseguido!* É ir sempre em frente, numa marcha que não é nem moral nem imoral, porque é *amoral*. Não há certo ou errado porque a medida dos valores é relativa e o que interessa é “conseguir-se”. Apetece lembrar Eça de Queirós e a fórmula “definitiva” de Jacinto em *A Cidade e as Serras* :
Suma Ciência X Suma Potência = Suma Felicidade agora adaptada aos tempos modernos,
Suma Ciência X Suma Tecnologia = Sumo Poder. Poder gerará dinheiro, dinheiro dará Poder. De maneira que os mais pequenos -- com menos Poder -- em geografias periféricas, só lhes resta aguardar para ver e aproveitar o que for possível, no meio de crises e guerras, neste mundo em transição.

Não é o apocalipse. Mas o apocalipse não é num dia. Talvez vá acontecendo difusamente.

Entretanto, é preciso trabalhar. Ainda temos tempo.

5

António M. B. Machado Pires

*António
M. B. Machado Pires*

11/4/15



1 DE JANEIRO DE 1980 --O TERRAMOTO DA REVIRAVOLTA

texto de Victor Hugo Forjaz-----

1 - Todas as ilhas dos Açores são vulcânicas e sismogénicas. Uma mais do que outras, evidentemente. Desde que foram ocupadas, há notícias, relatos, histórias e contos sobre dias de terra a tremer e dias da terra rachada, bem aberta, brotando rocha em fusão -- as lavas -- - constituindo assim terras nunca vistas, de rios de fogo transformados seguidamente em rocha escarolada --- os " mistérios".

Quanto aos tremores de terra mais violentos e destruidores, as zonas "escolhidas" pela Natureza eram quase sempre as mesmas, ou seja, a parte nascente do Faial (Horta - Ribeirinha), a faixa da Piedade do Pico, a área do Topo de S.Jorge, o norte da Graciosa e a zona Água Retorta-Nordeste, em S.Miguel. St Maria raramente sofria abanos da terra e de Corvo bem como das Flores nada constava.

2 - Até que um dia veio o "big one" dos Açores, no dia 1 de Janeiro de 1980, a meio de uma tarde de sol, abruptamente depois do primeiro almoço do ano, convidando a passeio de desgaste e a convívio desanuviador. Pois foi uma sorte essa conjugação climaticodigestiva -- salvou milhares de habitantes de serem entulhados em rochedos das alvenarias das casas instantaneamente desmoronadas! Em vez das quase 7 dezenas de vítimas diurnas (em 3 ilhas) teriam sido mais de 4 mil, se de noite...Eu estava em S.Miguel e senti-o, na freguesia da Relva. Em poucas horas o governo colocou-me na Terceira. Fui o 1º científico a chegar á hecatombe. Dormi no meio dos sinistrados. Alguns ainda se lembram desses tempos de solidariedade.

3 - O terramoto de 1 de Janeiro de 1980, localizado em gigantesca fractura geológica entre a Terceira e S.Jorge mudou tudo nos Açores. Foi uma espécie de *absaidão* dos calafonas (up side down) Mota Amaral nomeou para a gestão das consequências do desastre o engº Correia da Cunha , seu Secretário Regional Adjunto, técnico notável e bom conhecedor das intrigas e interesses locais. As finanças regionais tiveram de se adaptar ao cataclismo. Criou-se o Serviço Regional de Protecção Civil. Rui Mesquita, Edil do Município de Angra, conseguiu que a cidade não fosse demolida a eito, como alguns abutres queriam. Jorge Forjaz, Director Regional da Cultura, providenciou pela protecção do que havia a reconstruir. Na Ciência consegui que se instalasse a primeira rede moderna de vigilância sísmica do arquipélago; e identifiquei as falhas geológicas inquietantes da Terceira com Edgardo da Silveira e Francisco Rocha, inesquecíveis técnicos. Inventariaram-se recursos hídricos e começaram os primeiros trabalhos de protecção paisagística.

O terramoto de 1980 não foi o mais destruidor dos Açores mas tornou-se no mais emblemático e mediático de sempre. Pelas origens e pelas envolvências nacionais e internacionais que dali se sequenciaram.

Victor Hugo Forjaz, Univ. dos Açores , Catedrático Jubilº de Vulcanologia, 18 de Abril de 2015
in nº do 160º aniversário do jornal AÇORIANO ORIENTAL, Ponta Delgada





CAPELINHOS -- O VULCÃO QUE FUGIU DO MAR

artº de Victor Hugo Forjaz , Vulcanólogo

1 - Nos idos de 1957 não existiam satélites (o Sputnik da URSS foi lançado em Outubro de 1957) nem computadores civis .As erupções submarinas eram descobertas muitos dias após a respectiva eclosão .Peixe morto , fedores sulfurosos e nuvens de cinzas assinalavam a presença de tais erupções.Depois eram sobrevoadas aos balanços conforme a perícia dos pilotos e a curiosidade dos cientistas .Longos períodos de actividade ficavam por registar.... Assim sucedeu com o célebre Surtsey, na Islândia, gémeo de Capelinhos,em 1963 .

2 - Eu tinha 16 anos quando Capelinhos "rebentou" , bem juntinho de Faial ,ali ao lado de um farol imponente , pertinho de uma aldeia baleeira, a do Comprido do Capelo .Nessa serena madrugada de 27 de Setembro de 1957 , mar calmo , o esguicho de vapor foi confundido com respiração de cachalote.Mas rapidamente os vigias mudaram de opinião e acertaram que se tratava de vulcão !! Ai Jesus -- que desgraça , um vulcão rente às nossas casas!!! - gritava-se nas ruas . Logo veio o alerta dos faroleiros para a Capitão do Porto da Horta , Chaby Lara e deste para o Governador Freitas Pimentel --que ligou a meu Pai António Lacerda Forjaz, Vice-Presidente da Junta Geral em funções,a autoridade administrativa do distrito .A noite fora demoníaca em minha casa , na rua para a igreja das Angústias -- Mãe e irmão gritando,vizinhos gritando,toda a gente na rua gritando e implorando misericórdia.A terra tremia continuamente mas sem grandes acelerações---era uma espécie de tremidinho nervoso ,terrestre ,oscilando do lado do Capelo para a banda do Pico, remexendo a calçada de baalto rijo . .O silêncio da noite e as luzes apagadas da companhia eléctrica eram de ambientes quase dantescos .Por isso,um pouquinho antes das 6 h e meia ,quando um carro da Junta Geral veio buscar meu Pai a caminho dos Capelinhos ,pedi-lhe para me levar -- e ele levou-me ...

3 - Chegou-se a Capelinhos aceleradamente . Atravessando freguesias com toda a gente na rua ,rezando ,implorando. O farol tremia e balançava . O mar estava calmo mas já era nitida a formação de um vórtice gigante , rodopiante , que absorvia todo o oceano . Este deixara de ser azul e mudara para castanhos venados de cinzentos ; havia estrias de espuma ora alva ora lamacenta . E do centro do vórtice emanavam vapores que cirandavam em todos os sentidos ---- enfim , uma paisagem surreal , um parto vulcânico inesperado mas atraente , desconhecendo-se como iria terminar .

4 - As viaturas oficiais chegaram todas ao mesmo tempo . O Eng Frederico Machado , Director de Obras Públicas , encontrava-se em Angra com o Director do Serviço Meteorológico dos Açores Ten.Cor. José Agostinho . A equipa do farol e os vigias da baleação relataram os últimos acontecimentos , incluindo os estranhos períodos de serenidade sísmica da noite . Depois começaram a chegar as procissões com corôas do Espírito Santo . E os cheiros de enxofre do novo vulcão misturavam-se com os incensos das religiosidades .Enfim ,um ambiente de temor mas também de decisões porque em breves horas, regressadas á cidade ,já existiam comissões de apoio aos habitantes de Capelo e Praia do Norte .O farol foi encerrado ; as barracas baleeiras foram desocupadas e as famílias , incluindo os botes das várias armações (companhias) baleeiras passaram para os portos de Castelo Branco e da Horta ,no Faial e para a ilha do Pico .Frederico Machado fez falta porque era considerado o cientista da ilha, pessoa calma e ponderada .Mas o Governador Freitas Pimentel tinha pressa em actuar visando minorar o sofrimento daquelas gentes .E actuou mesmo e com eficiência e

sucesso. A meu Pai coube-lhe uma comissão de abastecimentos, incluindo gados, que se revelou essencial.

5 - Capelinhos foi um vulcão 'submarino' único. Porque surgiu junto a uma ilha convenientemente habitada, porque apareceu ao lado de um farol com estrada e telefone privativos, porque o rodearam equipas científicas (locais, nacionais e internacionais) muito diversificadas e competentes. Desde Setembro de 1957 a Outubro de 1958 tudo o que se passava em Capelinhos foi narrado, fotografado, filmado, desenhado, colhido, analisado !!! Descobriram-se comportamentos vulcânicos até então desconhecidos. E de **vulcão submarino típico** Capelinhos transformou-se gradualmente em **vulcão terrestre**, Stromboliano. E até construiu um lago hawaiano em Maio de 1958, cenário soberbo e inesquecível. Enfim, Capelinhos recordou-nos como as nossas ilhas se geraram de um fundo oceânico complexo mas naturalmente exposto.

Quantos vulcões submarinos do mundo pré-satélites de 1957 tiveram tais requisitos?

5 - Capelinhos construiu "terra nova" de cinzas e rocha. Formou um "mistério", à moda de tantos outros dos Açores. Afora os sustos, sem mortes, houve coisas boas naquela ilha das faias. De facto Capelinhos permitiu a emigração de metade dos habitantes do Faial para os Estados Unidos, assim aliviando a economia da ilha. No Faial "caíram" milhões de contos para recuperações e novas obras. Capelinhos facilitou a instalação do ensino secundário completo na Horta e permitiu remodelar o parque escolar das freguesias. O esquecido Ministro Arantes Oliveira, o Governador Freitas Pimentel e a Junta Geral arrecadaram verbas gigantescas para superarem as dificuldades de uma quase catástrofe.

6 - Eu, estudante liceal, em vez de salvar a botica paterna do Faial, optei pela vereda da Geologia (erro meu ???) Fui acompanhado por mais 4 colegas -- todos se tornaram geólogos com a benção telúrica de um Capelinhos jamais esquecido. Também passei por uma fase jornalística nos jornais **Açores** e **Açoriano Oriental**, em Ponta Delgada, dirigidos por Mestre Cícero de Medeiros e o Prof. José Andrade; aprendi a redigir notícias vulcanológicas empolgantes para um público atento --- foi uma deliciosa experiência para a minha vida profissional em anos posteriores. Até hoje

Victor Hugo Forjaz, a 18 de Abril de 2015

